

Deixado para trás

GUERRA DO ULTRAMAR > Soldado pára-quedista de Fornos, Cadima, morto em combate há 33 anos, permanece sepultado no mato a norte da Guiné



Um cemitério improvisado nas imediações do então aquartelamento de Guidaje, a norte da Guiné, guarda, desde 1973, os restos mortais de José de Jesus Lourenço, soldado pára-quedista natural da localidade de Fornos, freguesia de Cadima. O corpo foi enterrado em campo aberto juntamente com os de mais nove combatentes (outros dois pára-quedistas, cinco soldados do Exército e dois nativos) e nunca foi resgatado, contrariando a máxima dos pára-quedistas segundo a qual “ninguém fica para trás”. Mais de 33 anos depois um seu antigo camarada de armas, sociólogo de Évora, desdobra-se em esforços para trazer os restos mortais de José Lourenço e os outros militares de volta à sua terra natal.

José de Jesus Lourenço, natural de Fornos, freguesia de Cadima, então com 19 anos, foi um dos três pára-quedistas mortos em combate a 23 de Maio de 1973. A coluna militar portuguesa atravessava um descampado no Cufeu, a norte da Guiné, durante a execução de uma operação denominada “Mamute Doido”.

Por razões ainda não esclarecidas, os corpos acabam por ser sepultados, embrulhados num lençol e no pano das tendas, num cemitério improvisado, entre as duas linhas de arame farpado que protegiam o então quartel de Guidaje, próximo do lugar

do combate.

Nos 11 meses – até Abril de 1974 –, com nos 30 anos seguintes, os restos mortais dos militares nunca foram resgatados para sepultura condigna, em princípio nas localidades de origem.

Até 1968, era norma os corpos dos militares portugueses que morriam no ultramar serem enterrados em cemitérios próprios nas “províncias” em que tombavam, à excepção das situações em que as respectivas famílias tivessem meios para custear o transporte dos corpos para Portugal. A partir dessa data, o Estado passou a responsabilizar-se pela transladação dos cadáveres.

O sucedido com o soldado Lourenço e seus companheiros de tragédia contraria essa norma. E contraria também a máxima militar, especialmente forte nas tropas pára-quedistas, segundo a qual “ninguém é deixado para trás!”.

Os restos mortais dos militares continuam no campo onde foram colocados, hoje espaço aberto e abandonado. É fundamentalmente por isso que Manuel Rebocho, sargento-mor paraquedista, hoje na reserva, e recém doutorado em Sociologia da Paz e dos Conflitos pela Universidade de Évora, transformou em “questão de honra” o recuperar e transladar o

que restará dos mortos em combate.

Em Maio de 1973, Manuel Rebocho cumpria serviço militar na Guiné, noutra companhia, quando ouviu falar do “enterro” dos camaradas pára-quedistas. Na altura, não deu grande importância ao facto, até porque algo semelhante tinha acontecido no norte de Moçambique, sensivelmente na mesma altura. Numa situação de impossibilidade de se transportarem os corpos dos soldados mortos e dado o seu estado de degradação, procedeu-se ao seu enterro, tendo-se feito a transladação dos restos mortais assim que as condições se proporcionaram.

ABANDONO INCONCEBÍVEL

Há cerca de um ano, no decurso de uma conversa com outro militar, surgiu a dúvida da efectiva vinda dos corpos dos soldados pára-quedistas sepultados em Guidaje para Portugal e Manuel Rebocho decidiu investigar.

Ao deparar-se com a crua realidade, e considerando “inconcebível o abandono dos corpos destes jovens que morreram no cumprimento de obrigações que a Pátria lhes impôs”, tomou a si a responsabilidade de devolver os restos mortais dos seus camaradas às respectivas famílias, para que lhes fosse feito um “funeral digno”.

“É o mínimo que eu me sinto na obrigação de fazer”, afirma.

O sargento-mor, agora na reserva, come-

çou por contactar as autoridades políticas e militares que alegaram não ter dinheiro para recuperar e trazer os restos mortais dos militares.

CHEGOU O MAPA

As famílias dos pára-quedistas passaram-lhe procações autorizando a transladação dos corpos e as autoridades guineenses disseram-se dispostas a cooperar no necessário.

Solicitou, então, ao Estado-Maior da Força Aérea os mapas do lugar exacto onde foram enterrados os corpos. No início da semana passada, Manuel Rebocho recebeu o mapa em questão, um esboço manuscrito que posiciona as campas em relação às árvores então existentes no local, a uma caserna e ao arame farpado que envolvia o aquartelamento.

“Tenho agora reunidas todas as condições para a transladação dos restos mortais dos camaradas. Faltam, porém, os meios financeiros, já que as autoridades portuguesas, segundo me informaram, não têm meios para o fazer”, esclarece Manuel Rebocho.

Segundo as suas contas, a missão vai custar um total de cerca de 25 mil euros. Em estudo está a abertura de uma conta no banco através da qual amigos e militares possam contribuir.

Para além dos três soldados pára-quedistas – José de Jesus Lourenço (Cantanhede), António das Neves Vitoriano (Castro Verde)

Fernando Ramos, Lda.
Materiais de Construção
Decoração · Electrodomésticos
Rua António Lima Frageso, 100 | 3060-216 CANTANHEDE
Tel. 231 423 350 - Tlm. 966 782 431 - Fax. 231 420 927 - framos_lda@hotmail.com

José Cacho
Unipessoal, Lda.
Serralharia Civil
Máquinas · Ferramentas
Vidraría · Corte e Quinagem
Sede: Rua Cons. Costa Soares, 4
Tel./Fax 231 461 557 · 3060-318 FEBRES
Fábrica: Zona Industrial de Febres, Lt. 7
3060-318 FEBRES

Gillamp
ESPECIALISTAS EM ILUMINAÇÃO
Largo de S. Tomé, nº5
3060-503 Pocariça
(Cantanhede)
telf_ +351 231 420 511
fax_ +351 231 420 511
www.cafn.pt
email: cafn.gillamp@cafn.pt

CAFN
CARLOS ALBERTO
DA FONSECA NETO, Lda
Armazém de material eléctrico _ Artigos sanitários
Z. I. de Cantanhede, lote 34 · 3060-197 Cantanhede
Telf.+351 231 410 970 · Fax:+351 231 410 979
e-mail: geral@cafn.pt · www.cafn.pt

20 ANOS
1983/2003